

Guimarães passado em revista

Revista *Scripta*
v. 2, nº 3, 2º sem. 1998
PUC-MG, 272 p.

Raquel Illescas Bueno

O terceiro número da revista *Scripta* reúne vinte e nove textos apresentados no Seminário Internacional Guimarães Rosa, realizado em Belo Horizonte, em agosto de 1998. Lélia Parreira Duarte, coordenadora do Seminário e editora da revista, informa sobre o evento em texto introdutório: foram cerca de setecentos participantes de dez países, dos quais mais de duzentos e cinquenta apresentaram comunicações, com a presença e atuação de familiares do escritor homenageado, grupos teatrais, contadores de histórias e músicos.

Essa publicação é importante acréscimo à fortuna crítica de Guimarães Rosa, inclusive por refletir a pluralidade de abordagens teóricas a que vem sendo submetida sua produção literária no Brasil e no exterior, possibilitando reavaliar o estado da recepção da obra do autor mineiro no ano em que ele teria completado 90 anos.

Até certo ponto aproximadas pelo reconhecimento comum do trabalho de construção lingüística operado por Guimarães, as leituras tendem a tomar rumos distintos. Neste tempo de raras polêmicas e de freqüentes confusões teóricas e conceituais, o vocábulo “mistura” salta da boca de Riobaldo e reaparece em vários outros contextos. Faz parte, por exemplo, de mais de uma análise de *Grande sertão: veredas*, principalmente depois do ensaio de Davi Arrigucci Jr., “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa” publicado na revista *Novos Estudos Cebrap*

(nº40, 1994). Por isso, chama a atenção que alguns críticos, representando diferentes tendências, ousem declarar excluídos, ou quase, os caminhos por que optaram.

A ênfase atribuída, por uns, aos aspectos filosóficos e míticos da obra rosiana e, por outros, ao sentido realista, mimético, funciona como divisor dessas rotas. Enquanto Francis Utéza (“Realismo e transcendência: o mapa das minas do grande sertão”) destaca o convite reiterado em vários textos de Guimarães para que se ultrapasse “o nível primário da leitura realista” (p. 127), Lígia Chiappini condena aqueles que levam ao pé da letra as palavras do autor e alerta para o perigo de leituras que deixam em segundo plano o “vínculo visceral com o sertão brasileiro”. Para Lígia Chiappini, tais leituras correm o risco da abstração, “que leva tanto a propostas de ‘jagunçar pela vida’ pauloelizando Guimarães, quanto de retirar o til do Sertão para transformá-lo em Ser Tao (...)” (p. 202).

A crítica rosiana ilustra de maneira exemplar a tripartição da reflexão estética divulgada por Alfredo Bosi em *Reflexões sobre a arte* (Ática, 1985). A obra de arte pode ser pensada como resultado do trabalho do artista (técnica, formas, materiais), como conhecimento artisticamente agregado (*mimesis*, graus de realismo, historicidade), ou a partir de um enfoque que vise prioritariamente à expressão (energia significada, simbolismo). Guimarães Rosa é um dos raros casos de ficcionista brasileiro, cujos textos chamam a

si todas as perspectivas da reflexão estética. Boa parte dos ensaios ora apresentados trafega de um enfoque a outro com pertinência, porém em alguns se preferiu a concentração em uma ou outra dessas três perspectivas.

Como ficou dito, a discordância não existe quando se trata de valorizar a chamada “língua de Guimarães Rosa”. Um exemplo: para desenvolver a hipótese de uma “língua em estado gasoso” E. M. de Melo e Castro atualiza, à luz da teoria do Caos, a teoria cinética dos gases, chegando a propor uma “lingüística fractal”. Enquanto o vocabulário das ciências exatas aparece, em *Scripta*, apenas no ensaio de Melo e Castro, as mais diversas correntes das ciências humanas compõem nos ensaios, a começar pela própria reflexão de natureza lingüística e de técnica compositiva. Para falar da dura labuta de Guimarães Rosa com a palavra, mais de um autor recorre à citação, extraída de entrevista a Günter Lorenz: “Genialidade, pois sim. Mas eu digo: trabalho, trabalho, trabalho!”

O trabalho de anotações sobre a língua e o sertão é tema focado por pesquisadoras do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, onde fica o Arquivo Guimarães Rosa. Cecília de Lara escreve sobre os processos de criação em *Grande sertão: veredas*, revelando aspectos curiosos, como os nomes rejeitados – Diodôlfo, Riodôlfo – em favor de Riodbaldo; Edna M. F. S. Nascimento e Maria Célia M. Leonel escrevem sobre a organização do Arquivo e elencam pro-

cedimentos do autor. Maria Célia M. Leonel exemplifica, com trecho de “Buriti” o aproveitamento pela crítica genética do material arquivado.

Do exterior, vieram dados sobre o horizonte da recepção contemporânea e da recepção já historicizada. Principalmente, vieram diálogos. De Moçambique, o escritor Mia Couto, em “Nas pegadas de Rosa” trouxe o reconhecimento da importância de textos em que a invenção e o poético apontam possibilidades de comunicação originais, que colaboram para firmar uma identidade nacional em gestação.

Os ensaios sobre tradução revelam aspectos da criação do escritor em paralelo com o trabalho de seus tradutores. “João Guimarães Rosa e a língua alemã” de Curt Meyer-Clason, acumula o valor do depoimento pessoal de um amigo; Eduardo Coutinho (“O idioma rosiano e o desafio de traduzi-lo”), desde uma perspectiva desconstrucionista, lembra o incentivo de Rosa a seus tradutores para que não se restringissem a certa fidelidade esperada e, assim, fossem capazes de criar ao traduzir; Elza Miné pesquisa a *Revista de Literatura Brasileira*, dos anos 60, e o diário de Ángel Crespo, tradutor espanhol de Guimarães Rosa.

O Seminário não foi palco de luta, longe disso. Mas encampou a reação da crítica atenta aos aspectos históricos e geográficos num momento em que estavam em evidência estudos voltados a aspectos transcendentais. *Scripta* traz “O sertão como forma de pensamento” texto em que Willi

Bolle examina detidamente as geografias real e imaginada do Liso do Sussuarão em três mapas: no de Minas Gerais, naquele descrito por Guimarães Rosa e naquele desenhado por Poty, comparando-as às geografias dos sertões de Euclides da Cunha. Em “*Grande sertão: veredas*, a metanarrativa como necessidade diferenciada” Ligia Chiappini trata do diálogo entre o semi-letrado Riobaldo e seu interlocutor, como alegoria de outros encontros entre o culto e o popular. Esses textos dialogam, algo à distância, com o de Heloísa Starling (“O sentido do moderno no Brasil de João Guimarães Rosa – veredas de política e ficção”), que, atenta à ciência política, compara os procedimentos de Zé Bebelo – autoritários, violentos e paternalistas – aos projetos de modernização brasileira.

Mais próximo da obra como expressão do que da obra como conhecimento realista, lemos o texto de Francis Utéza, que discorre sobre os rios de *Grande sertão: veredas*, a partir do Hermetismo e do Taoísmo. Dentre os ensaios que operam a leitura simbólica, ora priorizando a crítica psicanalítica, ora acercando-se da Filosofia, destaca-se, também, “*Amicus Plato magis amica veritas*” cuja autora, Heloísa Vilhena, tem contribuído grandemente para adensar a crítica voltada para os aspectos transcendentais. Neste Seminário, ela aponta a negação da Teoria da Caverna em um conto de Guimarães Rosa. “Recado da viagem” de José Miguel Wisnik, revela o aspecto mercurial da própria obra

de Rosa, cujos recados transitam entre a cultura popular e a cultura erudita e, sem abandonar o sentido mimético, instalam o conto analisado (“Recado do morro”) numa dimensão simbólica para cuja decifração o crítico recorre à cosmologia alquímica.

Também priorizaram aspectos filosóficos e míticos Benedito Nunes (“O mito em *Grande sertão: veredas*”), e Kathrin Rosenfield (“A alegria: tema rosiano ou princípio estético e filosófico?”). São aproximações psicanalíticas os ensaios “‘O homem do Pinguelo’: uma leitura aristotélico-psicanalítica” de Adélia Bezerra de Menezes; “A função materna em Guimarães Rosa: renúncia e dom” de Cleusa Rios Pinheiro Passos; “Nenhures 2 – ‘lá, nas campinas’” de Leyla Perrone-Moisés; “As imagens femininas na visão de Riobaldo” de Flávio Wolf de Aguiar; “Encontros de Riobaldo: travessias do sujeito” de Márcia Marques de Moraes, e “Dos seres incompletos à edificação humana” de Marco Aurélio Baggio. Alguns desses textos abordam contos até então pouco analisados, como “O homem do Pinguelo” (de *Estas estórias*), “Lá, nas campinas” “Sinhá Secada” e “Uai, eu?” (de *Tutaméia*).

Possíveis fontes, leitura comparada e influências foram tema para Fábio Lucas, que menciona Euclides da Cunha como possível precursor; Maria Aparecida Santilli, em “João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira, criadores de linguagem”; Rui Mourão (“O patriarca”) e Maria de Santa-Cruz, cujo texto menciona Aquilino Ribeiro, Simões Lopes

Neto e Mário de Andrade, antes de Guimarães Rosa, e Mia Couto, Alexandre O’Neill, Luandino Vieira e José Craveirinha, na atualidade. Maria de Santa-Cruz procurou resumir em seu texto o curso que ministrou durante o Seminário, tendo registrado, entre parênteses, seu protesto pela exigüidade de páginas disponíveis. Em outros ensaios, ainda que não se tratasse de resumir algum curso, percebe-se de forma menos intensa essa mesma dificuldade.

Um detalhe escapou aos revisores: o “Apêndice 1” ao ensaio de Benedito Nunes (fragmento de *Grande sertão: veredas*) não registra a palavra “ela” que se quis destacar. Benedito Nunes quer mostrar que Guimarães Rosa antecipa a revelação do verdadeiro sexo de Diadorim. Mas, em algumas edições do romance, em vez do pronome “ela” que se referiria ambigüamente a uma cabaça ou a Diadorim, aparece justamente o pronome “ele”. O crítico transcreve, no texto de seu artigo, trecho em que aparece a forma feminina e depois, no “Apêndice” o mesmo trecho aparece com o pronome masculino. Difícil saber se é caso de gralha, pois efetivamente há variações de uma edição para outra.

No detalhe, revela-se, por um lado, a dificuldade de se estabelecer o texto definitivo de *Grande sertão: veredas*, assunto comentado em diversos ensaios. Por outro, tem-se a reafirmação de que, como em quase tudo que diz respeito a Guimarães, as dúvidas permanecerão, mesmo depois da reflexão mais luminar.

Não foi João Guimarães Rosa o sujeito contraditório que surpreendeu José Mindlin com seu amor às crianças, algo inesperado para alguém que, nas palavras do próprio Mindlin, tinha “dupla personalidade” e parecia estar “mais interessado nas aparências do que na substância dos homens e das coisas” (p. 9)? Em seu “Depoimento” José Mindlin lamenta o fato de que essas impressões, hauridas no contato pessoal com o escritor, tenham retardado seu conhecimento da obra.

Não se fale, porém, genericamente, em reconhecimento tardio do valor da produção literária rosiana. Ao contrário, é impressionante a pluralidade de estudos. Depois de atravessadas possíveis barreiras lingüísticas, em tantas leituras e traduções, foi no seio mesmo de sua Minas Gerais que a obra de Rosa encontrou espaço e tempo para mais discussão e mais luz. O encontro aconteceu em 1998 (noves fora, zero), para comemorar os noventa anos do autor (noves fora, zero). Daí surgiu *Scripta* n.3 (noves fora, três). O três restante é aquele que faz a prova. Afirma-se “trabalho” reafirma-se “trabalho” confirma-se “trabalho” Resta a curiosidade de saber em que direção avançará essa fortuna crítica. Preparemo-nos para o II Seminário Internacional Guimarães Rosa, porque certamente ali não faltará assunto. O triângulo autor, texto, leitor, no caso de Guimarães Rosa, só faz ampliar-se mais e mais. 2001, noves fora, três.

Raquel Illescas Bueno é doutoranda na Universidade de São Paulo e professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura da Universidade Federal do Paraná.